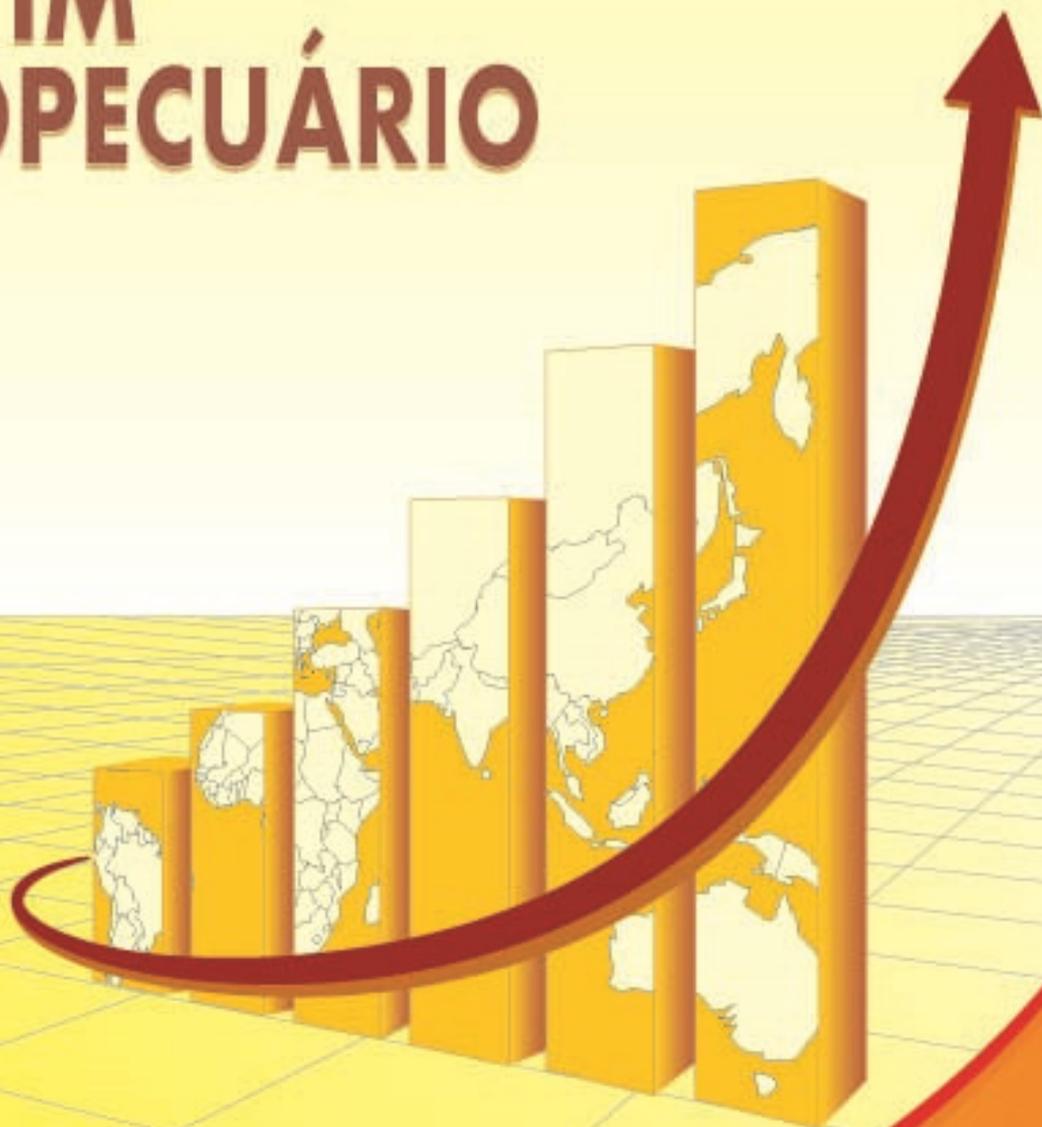


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Janeiro/2016 – Nº 32





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL Nº 32

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luis Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Luis Augusto Araujo
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luis Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual

Joao Batista Leonel Ghizoni (Epagri/GMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa).

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), centro de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne em um único documento as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa: <<http://cepa.epagri.sc.gov.br>>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Sumário

Artigo	7
A agricultura catarinense numa economia em derretimento.....	7
Grãos	7
Arroz	13
Milho.....	16
Soja	19
Pecuária	21
Avicultura.....	21
Bovinocultura	24
Suinocultura.....	27
Leite	30

Artigo

A agricultura catarinense numa economia em derretimento

Luis Augusto Araujo
Engenheiro-agrônomo, M.Sc.– Epaagri/Cepa
laraujo@epagri.sc.gov.br

Em 2015, a economia brasileira passou por intenso processo de derretimento, manifestado pela acentuada queda no emprego, nos salários, na produção industrial e nas vendas do comércio. A inflação não demonstra tendência de queda há dois anos e, no ano passado, ultrapassou a casa dos dois dígitos, 10,67%, medida pelo IPCA, fato não registrado desde 2002.

Neste cenário, os gastos do Governo devem ser contidos, não devendo ocorrer estímulos significativos à atividade econômica por essa via. O nível de endividamento das famílias torna pouco provável uma expansão do consumo, e a recessão econômica atual não estimula a realização de investimentos privados na produção. A falta de confiança agrava o quadro de dificuldades e de incertezas, com consequências nada positivas sobre a quantidade de bens que os consumidores desejam comprar.

Qual o balanço que pode ser feito do desempenho da agricultura na economia catarinense neste início de século? Quais as atividades agropecuárias que mais cresceram em Santa Catarina ao longo desse período? Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo produtor catarinense em 2015? E, finalmente, quais as perspectivas para 2016?

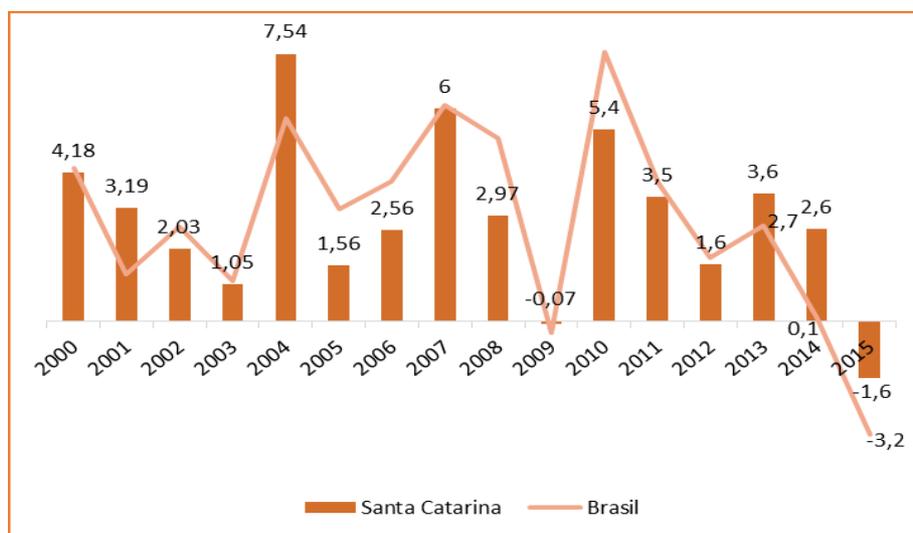
O objetivo deste texto foi precisamente apresentar evidências sobre o desempenho e o peso da agricultura na economia catarinense e brasileira e sobre as perspectivas para o ano de 2016.

A evolução da economia e do valor bruto dos produtos da agricultura no Século XXI

A atual recessão econômica brasileira teve seu início ainda em 2014, quando praticamente estagnamos o crescimento do PIB, que ficou em 0,1%. O derretimento consecutivo de nossa economia por dois anos seguidos, 2015 e 2016, se confirmado, é algo quase inédito e contrasta com o crescimento da economia mundial. O Brasil viu sua economia encolher nos anos de 1930 e 1931, respectivamente, 2,1% e 3,3%, sob os efeitos da Grande Depressão de 1929 e da Revolução de 1930.

O PIB catarinense desacelerou por dois anos seguidos, 2014 e 2015, sempre acima das previsões de crescimento do PIB brasileiro. Em 2015, a previsão de queda da atividade econômica catarinense gira em torno de -1,6%, enquanto em território nacional tem queda estimada de 3,2%, conforme nos mostra a Figura 1.

Figura 1. Evolução da taxa de crescimento do PIB catarinense e brasileiro (%) no período de 2000 a 2015



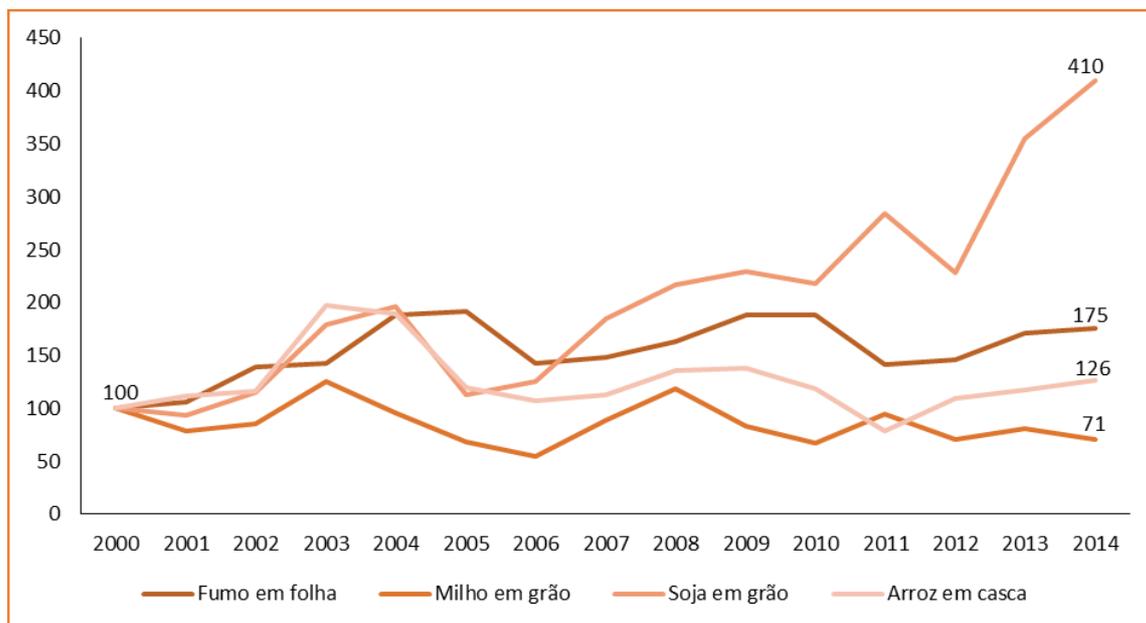
Fonte: IBGE e Bacen, 2015.

Segundo estimativas da FGV/IBRE para 2015, a contração do PIB nacional será um pouco mais intensa, de 3,6%, com a agropecuária apresentando um desempenho positivo de 1,8%. Para 2016, projetam nova queda, agora de 3%, para o PIB brasileiro e aumento de 1,6% do PIB da agropecuária.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - Mapa (2015), na publicação *Projeções do agronegócio: Brasil 2014/15 a 2024/25*, os produtos mais dinâmicos deverão ser soja em grão, trigo, carne de frango, carne suína, açúcar, algodão em pluma, cana-de-açúcar, maçã, melão e celulose. A participação do Brasil no comércio mundial de soja, milho, carne bovina, carne de frango e carne suína, em especial, deve continuar expressiva e com tendência de elevação na próxima década.

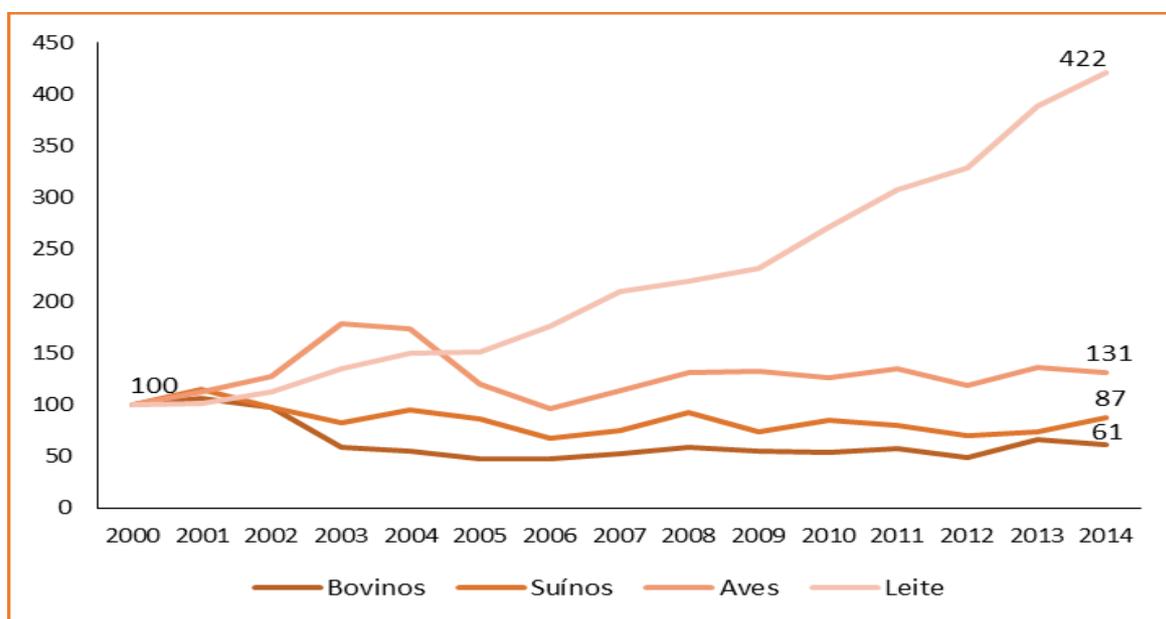
Neste século 21, o valor bruto da produção (VBP) do ano 2014, quando comparado com o VBP de 2000, em valores atualizados pelo IGP-di dos principais produtos agrícolas de Santa Catarina, apresentaram o seguinte desempenho: nas lavouras, a soja cresceu 310%, o fumo 75%, o arroz 26% e o milho decresceu 29%; na pecuária, o leite foi o produto que apresentou maior crescimento de seu VBP no período, 322% e, em seguida, aparece a produção de aves, com crescimento de 31%, de suínos reduziu 13%, e de bovinos reduziu 39%.

Figura 2. Evolução do VBP das principais lavouras de Santa Catarina em número índice 2000 = 100, em valores atualizados pelo IGP-di.



Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal, 2016.

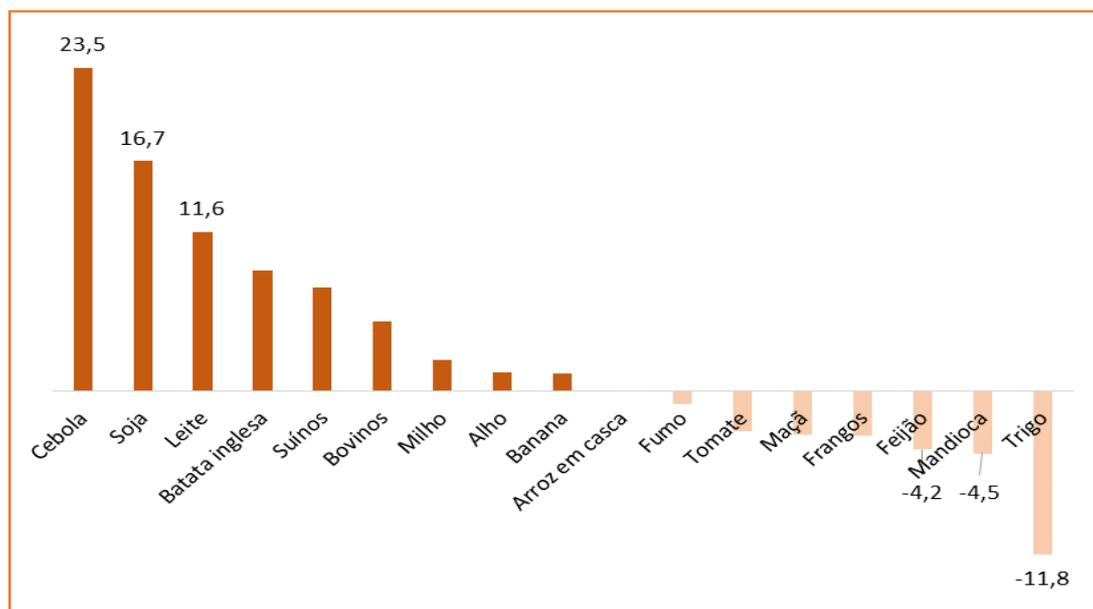
Figura 3. Evolução do VBP dos principais produtos da pecuária de Santa Catarina em número índice 2000 = 100, em valores atualizados pelo IGP-di.



Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal, 2016.

No período mais recente, o crescimento da produção de 2015, quando comparada com a produção de 2014, para os principais produtos da agropecuária catarinense pode ser observado na Figura 4.

Figura 4. Crescimento dos principais produtos da agropecuária catarinense de 2015/2014, em %



Fonte: IBGE/LSPA, novembro 2015.

O crescimento da produção agrícola catarinense mais expressivo da safra de 2015, quando comparado com a safra de 2014, foi da cebola (23,5%), da soja (16,7%) e do leite (11,6%). Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola e o aumento de produção verificado decorre da resposta dos produtores à elevação dos preços de mercado. Por outro lado, as maiores quedas foram observadas para trigo (-11,8%), mandioca (-4,5%) e feijão (-4,2%).

Para a safra de 2015/16, a produção agropecuária catarinense iniciou-se, também, ante as incertezas climáticas. Os produtores rurais catarinenses não temeriam tais riscos não fossem as dimensões dos impactos apontadas pelos especialistas e as consequências de o inverno ter sido um dos mais quentes nos últimos anos.

Em Santa Catarina se preveem precipitações acima da média em função do El Niño, com atuação prevista desse fenômeno até a primavera de 2016. É exatamente esse quadro climático observado no segundo semestre de 2015 que vem provocando reduções na produtividade da agricultura devido aos excessos hídricos para as culturas.

O processo de derretimento e a salvação da lavoura

O setor externo pode ajudar a conter esse derretimento da economia brasileira. A valorização do dólar ante o real desde o início do ano de 2015, em torno de 50%, traz alento aos exportadores. Nesse processo, o agronegócio é o setor que sofre menos. Apesar de a recessão reduzir o desejo de consumo dos brasileiros por determinados produtos, a elevada cotação do dólar favorece as exportações dos produtos agropecuários, pois nossos preços tornam-se mais atrativos em relação aos de outros mercados. Além disso, pode contribuir para uma adequada remuneração aos produtores, em reais, em um cenário de preços internacionais em queda.

Os produtores, pelo menos a curto prazo, não mais poderão contar com preços de *commodities* elevados

para a ampliação de sua participação no comércio mundial. No entanto, o agronegócio nacional, e em particular o catarinense, se vê fortalecido no mercado externo para o aumento da produção das principais *commodities* agrícolas, em razão da valorização do dólar ante o real.

Os mercados de *commodities* funcionam por ciclos de expansão sucedidos por períodos de desaceleração até que um novo ciclo tenha início. O agronegócio brasileiro conseguiu responder de forma muito favorável à fase de expansão do ciclo que se apresentou no início da primeira década do século 21. Nos últimos anos, existem sinais indicativos de que essa expansão ficou para trás e deu lugar, já no início da segunda década deste século, à fase de desaceleração.

Entre os sinais da economia internacional que afetam diretamente o agronegócio brasileiro e catarinense, Serigati e Possamai (2016) apontam: (1) menor ritmo de crescimento dos países com economia emergente; (2) preços em patamares menores para a maioria dos produtos agrícolas; (3) queda das cotações das *commodities* agrícolas mais intensa do que aquela observada entre os fertilizantes. Dentre os sinais da economia brasileira podemos citar: (1) crédito mais caro no mercado; (2) crédito oficial também mais caro; (3) orçamento mais apertado em decorrência da deterioração das contas públicas; e, finalmente, (4) elevação dos custos de produção domésticos em decorrência de, entre outros fatores, os custos de transporte terem subido fortemente no período.

Diante desses sinais internos e externos, não deveria causar estranhamento que a margem recebida pelo produtor hoje tenha ficado menor quando comparada com aquela recebida nos “anos dourados” da primeira década deste século.

Em 2016, o agronegócio continua sendo o maior negócio da economia mundial, e o Brasil se posiciona como sendo o segundo maior fornecedor mundial de alimentos e produtos agrícolas. Segundo estimativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o agronegócio brasileiro gerou quase 23% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2015. Além disso, é o setor que mais tem contribuído para o equilíbrio das contas externas brasileiras.

Por conceito, o agronegócio contempla a visão da cadeia na sua totalidade, englobando a produção agropecuária, com as suas transformações, até a chegada do produto ao consumidor final. Em geral, os brasileiros sabem da importância do agro, mas talvez o que muitos não se deem conta é que essa importância será ainda maior no futuro.

As dificuldades enfrentadas pelo produtor e as perspectivas para 2016

Não vivemos numa ilha. A despeito de o agronegócio ser o grande negócio do Brasil, as dificuldades domésticas projetam o ano de 2016 com derretimento da economia brasileira, e isso, inevitavelmente, terá reflexos no desempenho do agro catarinense.

As luzes também brilham no vermelho quando lançamos nosso olhar sobre o cenário externo e sobre as perspectivas de preços das principais *commodities* agrícolas. Para 2016, segundo relatório do FMI, as perspectivas de crescimento global atingem 3,6%, acompanhadas de uma mudança no padrão desse crescimento, no qual as economias desenvolvidas passam a dominar o processo. O futuro da agricultura e do agronegócio catarinense está para ser construído e depende das decisões e ações implementadas hoje por todos os agentes atuantes no setor, sejam eles os produtores, as entidades de classe representativas,

as organizações do agronegócio, empresas de pesquisa e extensão, universidades e formuladores de políticas públicas.

A economia e o clima parece que operam em ciclos, e os agentes do agronegócio brasileiro, em especial o produtor, têm que se preparar para os desafios adicionais. As margens e a rentabilidade obtidas pelo produtor estão mais estreitas, e as ineficiências terão espaço menor de acomodação. Existem oportunidades de melhoria da gestão dos nossos produtores relacionadas à gestão de custos e financeira, à gestão de pessoas, ao posicionamento dos negócios e das atividades agropecuárias e às estratégias estabelecidas.

Em tempos de aperto, o espaço para erros e ineficiências é menor. Os produtores precisam melhorar a gestão da sua propriedade, avaliar cuidadosamente sua estrutura de custos e ponderar estratégias que realmente possam fornecer um retorno razoável.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA. Projeções do agronegócio: Brasil 2014/15 a 2024/25. 6ª edição. Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/PROJECOES_DO_AGRONEGOCIO_2025_WEB.pdf. Acesso em: 12 de jan. 2016.

OECD/FAO (2015), OCDE-FAO Perspectivas Agrícolas 2015, OECD Publishing, Paris. DOI: http://dx.doi.org/10.1787/agr_outlook-2015-es

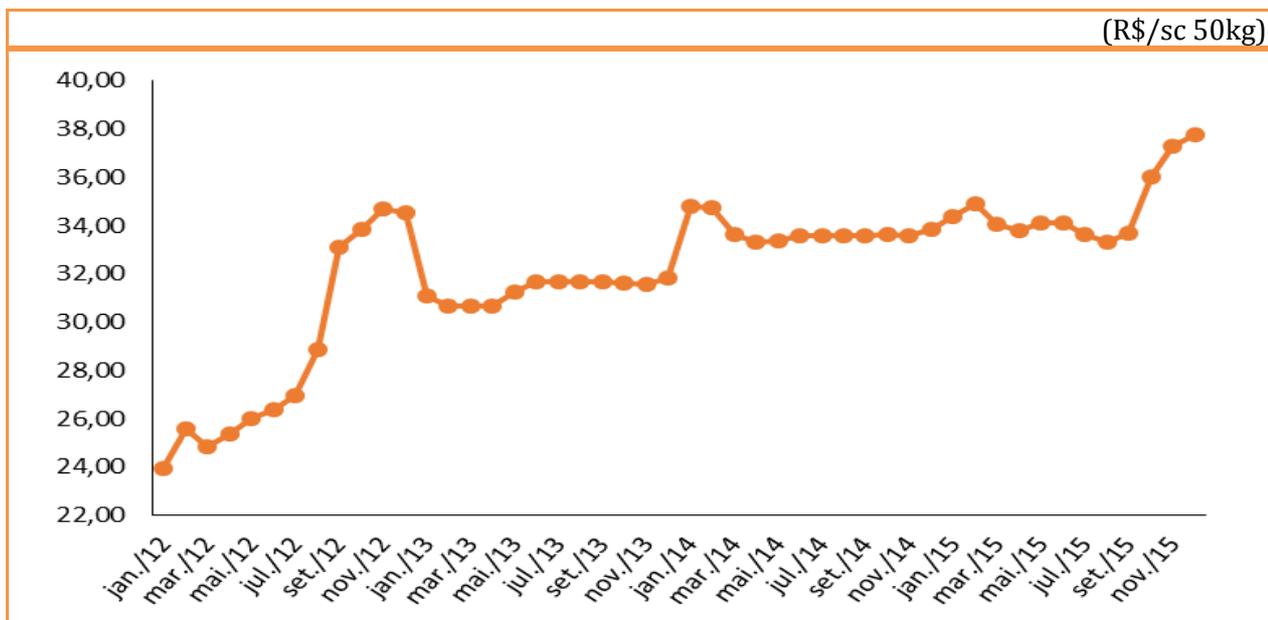
SERIGATI, Felipe; POSSAMAI, Roberta. Nova conjuntura, novos desafios. Revista Agroanalysis. Outubro de 2015. Disponível em: <http://www.agroanalysis.com.br/10/2015/gestao/planejamento-agropecuario-nova-conjuntura-novos-desafios>. Acesso em: 11 de jan. 2016.

SERIGATI, Felipe; POSSAMAI, Roberta. Inflação brasileira: Alta, resistente e corrosiva. Revista Agroanalysis. Janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.agroanalysis.com.br/1/2016>. Acesso em: 11 de jan. 2016.

Grãos

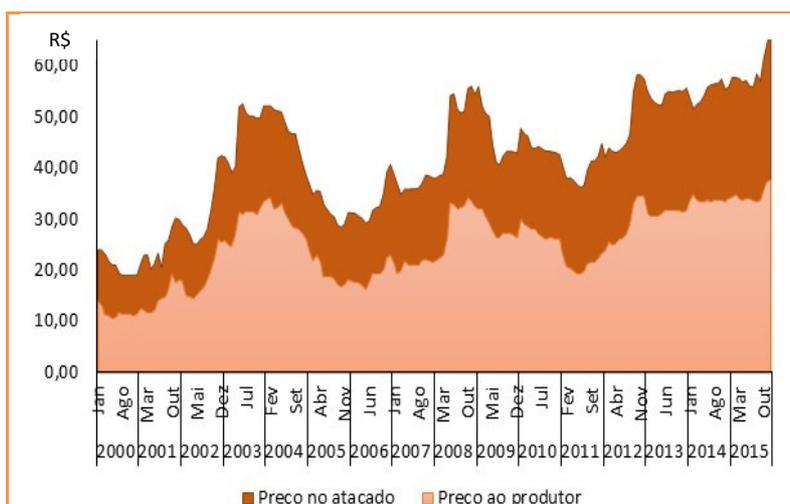
Arroz

Glauca de Almeida Padrão
 Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

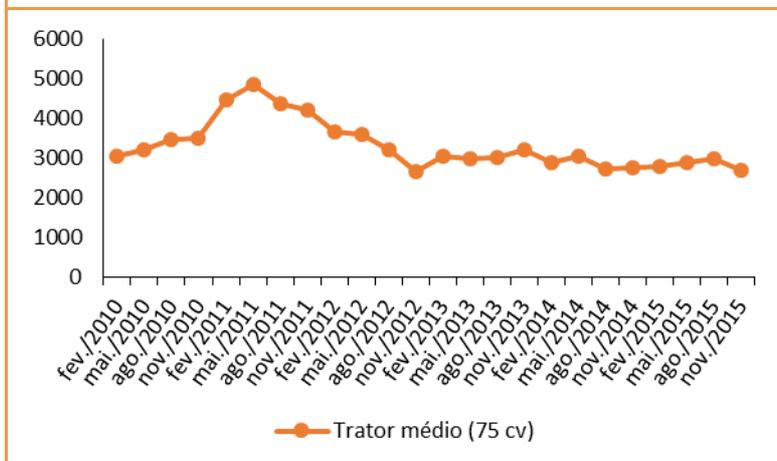
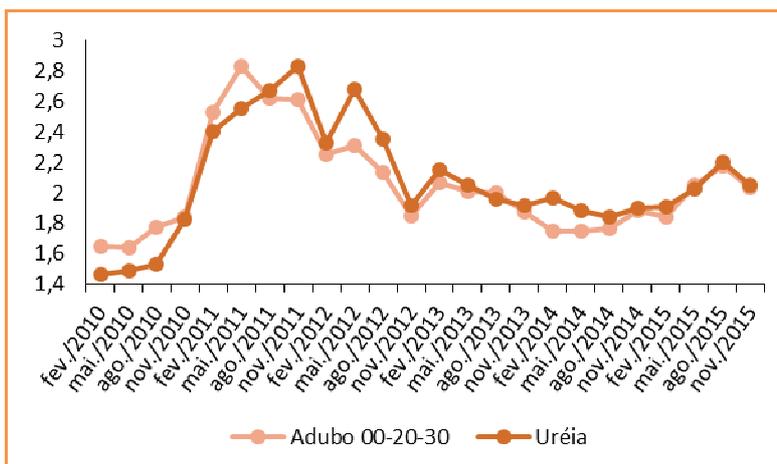
Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina (jan./2012 a dez./2015)



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal ao produtor e ao atacado em Santa Catarina (jan./2000 a dez./2015)

Os preços médios mensais ao produtor de Santa Catarina em dezembro de 2015 foram cerca de 11,5% maiores em relação ao mesmo mês de 2014 e 1,8% maiores em relação a novembro de 2015. No comparativo entre os preços ao produtor e os de atacado, observa-se uma tendência crescente e de distanciamento entre eles, indicando aumento da margem bruta do atacado. O excesso de chuvas no período de plantio, que resultou em possibilidade de redução da oferta, tem provocado aumentos consecutivos nos preços do grão. No entanto, com a necessidade de replantio de algumas lavouras e consequente aumento dos custos de produção, o acréscimo observado nos preços não deve ser suficiente para aumentar a margem do produtor.

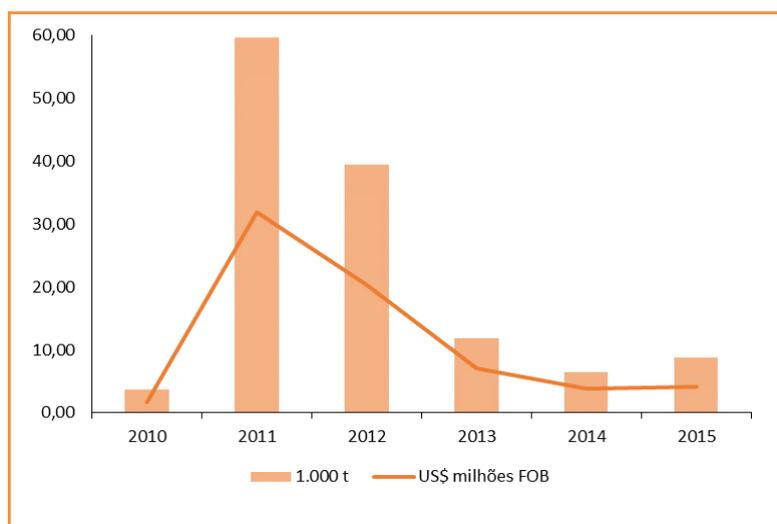


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz – Sacas de arroz necessárias para adquirir os principais insumos (2010-15)

A relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção tem se mostrado desfavorável ao produtor. No ano de 2015 essa relação de troca vem apresentando comportamento crescente, ou seja, são necessárias cada vez mais sacas de arroz para adquirir os insumos relacionados. Isso ocorre em função da baixa nos preços do produto, do aumento nos preços dos insumos, do aumento da produção na última safra e da valorização do dólar ante o real, que provoca aumento nos preços dos insumos importados.

Isso posto, em novembro de 2015 foram necessárias cerca de 2 sacas de 50kg de arroz em casca para adquirir uma saca de 50kg de adubo NPK e ureia. Quanto ao trator médio, foram necessárias cerca de 2.700 sacas de 50kg de arroz em casca para adquirir um trator de 75cv. A combinação de aumento dos preços dos insumos e redução ou estabilidade dos preços médios recebidos pelos produtores reduz a margem e tende a eliminar muitos produtores do mercado.



Fonte: MDIC/Aliceweb

Arroz – Evolução das exportações anuais de Santa Catarina (2010-15)

Em Santa Catarina, como no resto do mundo, o comércio internacional de arroz ainda é incipiente, uma vez que praticamente tudo que é produzido é consumido internamente. Em 2015, as exportações de arroz totalizaram US\$4,10 milhões e foram antecipadas em relação aos dois últimos anos, concentrando-se principalmente entre os meses de junho e agosto. Esse comportamento era esperado em função do bom desempenho da safra e dos baixos preços internos, o que impulsionou o produtor a voltar-se para o mercado externo.

Arroz Irrigado – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16									
Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa Inicial (Safra 2015/16)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	147.446	1.088.521	7.383	-0,46	0,12	0,58
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.978	7.061	-0,50	1,03	1,53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.736	166.576	8.440	-0,38	5,77	6,17
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.792	87.257	8.085	-0,06	-1,92	-1,87
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.261	68.561	7.403	-0,24	-3,95	-3,73
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.379	67.138	8.013	1,75	2,34	0,59
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	3.095	17.336	5.601	-0,48	0,00	0,48
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	2.072	8.000	0,00	0,00	0,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

A produção de arroz no Estado sofreu variações em decorrência dos eventos climáticos recentes. As regiões Sul e Alto Vale do Itajaí foram as mais afetadas. As atividades referentes ao plantio desta safra atrasaram devido às constantes chuvas, sendo necessário o replantio em algumas áreas, o que aumentou os custos dos produtores. Nas microrregiões de Rio do Sul e Criciúma, a redução na produção e na produtividade foi de cerca de 3%, enquanto na microrregião de Tubarão ela foi de 2%. No total do Estado, a quantidade produzida inicialmente esperada e a produtividade para a safra 2015/16 foram reduzidas em 1,18%. Em relação à safra passada, a expectativa atual para a safra 2015/16 em Santa Catarina é que haja uma leve redução, de 0,46%, da área plantada e aumento de 0,12% da quantidade produzida em relação à safra anterior, totalizando 1,088 milhão de toneladas em uma área de 147 mil hectares, valores que podem variar ao longo da safra.

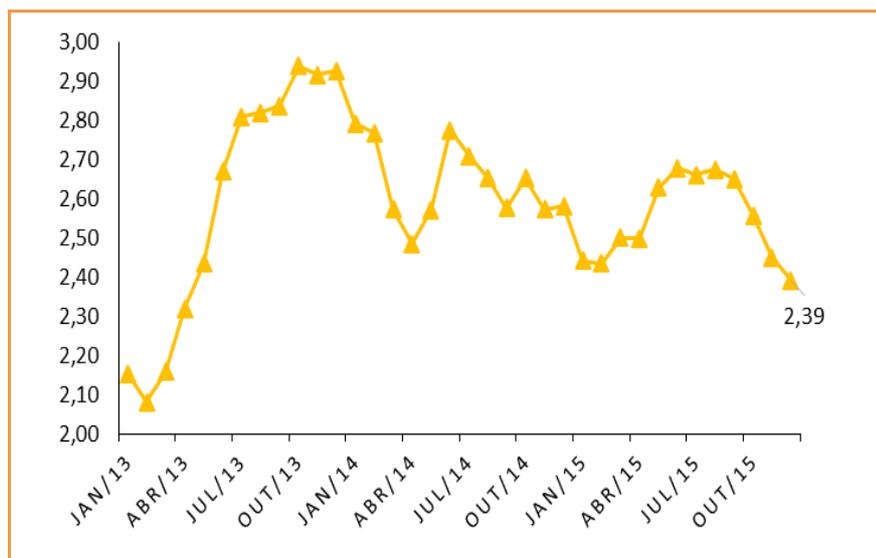
Milho

Glauca de Almeida Padrão
 Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina (R\$/Sc)

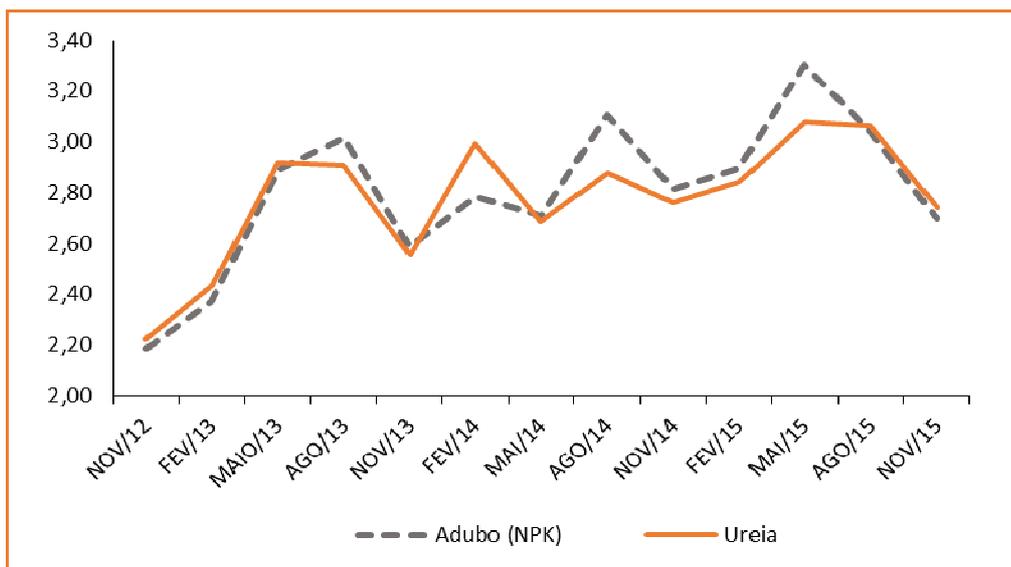


Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

Os preços médios mensais de milho em Santa Catarina têm apresentado o comportamento sazonal esperado nessa última safra. Entre os meses de outubro e março é esperado um comportamento crescente dos preços, haja vista que este é o período em que a safra está no início e ainda não há previsão de como ela se comportará no decorrer dos meses (se haverá redução em decorrência de problemas climáticos, ou o tempo bom favorecerá o desenvolvimento do grão). No entanto, no ano de 2015 esse crescimento dos preços foi acima do esperado, haja vista que o excesso de chuvas no período de plantios causou prejuízos às lavouras, fazendo com que a expectativa em relação à safra do grão fosse pessimista, de redução de sua oferta no estado. A persistência das chuvas tem mantido esse aumento dos preços, o que dá indícios de que no período de colheita, quando os preços caem pelo aumento da oferta do grão, os preços fecharam acima do observado no mesmo período de 2014.

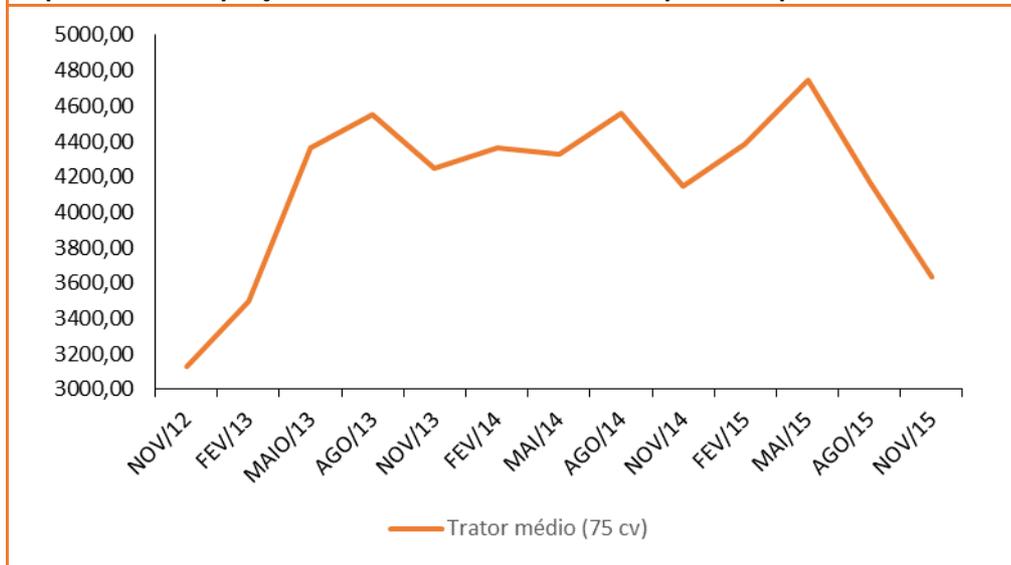
A alta no preço do milho e a tendência de redução do preço da soja desde setembro de 2015 fizeram com que a equivalência de preços entre os dois grãos, apesar de se manter favorável ao sojicultor, reduzisse em cerca de 3,5%. No mês de dezembro, o preço do milho apresentou aumento de 0,9% em relação ao mês anterior, enquanto o preço da soja reduziu em 1,5%. Essa relação tem sido observada desde o início da safra 2015/16, o que impulsionou o avanço da soja em áreas de milho e feijão principalmente. Para o milho, as maiores reduções de área observadas até o momento foram nas microrregiões de Canoinhas, Ituporanga e Rio do Sul, decorrentes da troca dessa área por áreas de soja, bem como resultado das perdas observadas por excesso de chuvas.



A aquisição de fertilizantes por parte dos produtores de milho ficou mais barata em novembro de 2015, sendo necessárias cerca de 2,7 sacas de milho para adquirir 50kg de Adubo NPK e 2,74 sacas de milho para adquirir 50kg de ureia.

Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços – Sacas de milho necessárias para comprar fertilizantes



Para adquirir um trator médio em novembro de 2015, eram necessárias aproximadamente 3650 sacas de 60kg de milho. Essa capacidade de compra dos produtores de milho teve melhor momento entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013, mas voltou a reduzir nos períodos que se seguiram.

Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços – Sacas de milho necessárias para comprar um trator médio

Milho 1ª safra – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16

Microrregião	Safra 2014/15 (1ª safra)			Estimativa atual Safra 2015/16 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	365.982	2.859.716	7.814	-9,54	-8,99	0,61
Chapecó	62.565	488.926	7.815	61.090	482.030	7.890	-2,36	-1,41	0,97
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.242	465.518	8.427	-12,14	-12,35	-0,24
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	39.050	302.220	7.739	-16,74	-9,26	8,98
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00
Concórdia	33.750	232.006	6.874	32.190	223.074	6.930	-4,62	-3,85	0,81
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	278.260	9.123	-21,79	-24,24	-3,13
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	27.610	325.278	11.781	-11,36	13,47	28,02
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.151	217.198	9.805	-18,74	-19,66	-1,14
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.882	5.752	-14,95	-20,91	-7,00
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	32.056	3.180	-11,50	-59,67	-54,43
Araranguá	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	46.900	8.527	-8,33	-8,20	0,14
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81
Tabuleiro	3.655	12.505	3.421	3.655	12.505	3.421	0,00	0,00	0,00
Blumenau	1.838	7.014	3.816	1.838	7.014	3.816	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.630	7.505	4.604	1.630	7.505	4.604	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Joinville	485	1.674	3.452	485	1.674	3.452	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	54	199	3.685	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

O plantio do milho 1ª safra encontra-se finalizado no estado de Santa Catarina. O excesso de chuvas no estado, com conseqüente dificuldade de plantio e necessidade de replantio em algumas regiões, resultou em variações negativas, tanto da expectativa de produção quanto da área. Nas regiões que foram afetadas pelo excesso de chuvas, essas variações foram significativas. Fazendo uma comparação com a área, a produção e a produtividade esperadas no início da safra e os valores observados atualmente, nota-se que a microrregião mais afetada foi Ituporanga, que teve redução de quase 8% da área plantada, 58% da produção e 55% da produtividade. Essa variação negativa foi seguida pela microrregião de Canoinhas, cuja área foi reduzida em 18%, a produção em 19% e a produtividade em 1%. Na microrregião de Rio do Sul a área e a produtividade do grão reduziram respectivamente 9% e 7%, e culminaram em redução de 15% da produção esperada para a safra 2015/16. São Bento do Sul também apresentou redução significativa de área e produção, ambas em torno de 8%. Estima-se ainda que poderá haver queda na produtividade devido ao excesso de chuvas no período de desenvolvimento vegetativo das plantas, principalmente pela falta de luminosidade. Em comparação com a safra 2014/15, a expectativa é que haja uma redução de 9,5% da área plantada e 9% da produção, resultando em 366 mil hectares de área plantada de milho 1ª safra e produção de 2,86 milhões de toneladas.

Soja

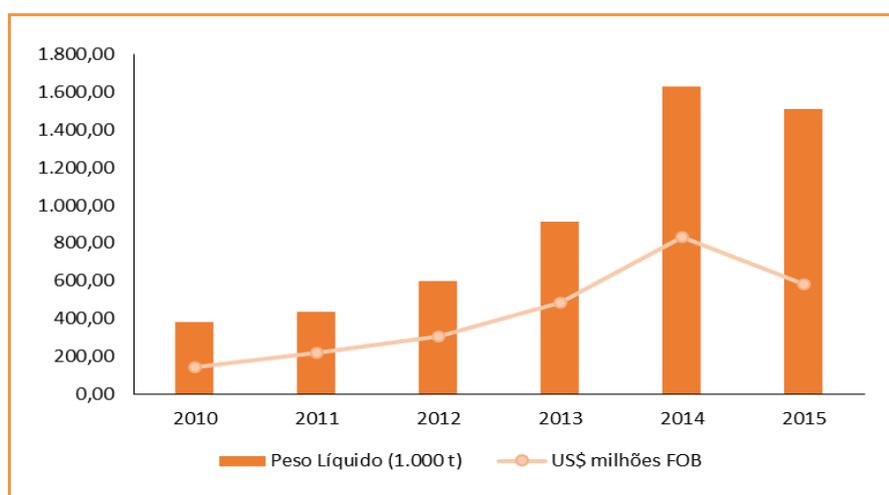
Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
gluciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Soja – Preço médio mensal ao produtor de soja em grão em Santa Catarina (2014/15)

O preço médio mensal de soja segue padrão de comportamento esperado para este período do ano. Entre os meses de agosto e março é esperado um aumento dos preços desse grão em função do período de entressafra e da redução da oferta no mercado. No entanto, em relação ao ano de 2014, os preços da soja no mês de dezembro de 2015 foram cerca de 13% maiores, em termos nominais. O excesso de chuvas, que prejudicou as lavouras e tem causado preocupação quanto à qualidade dos grãos a ser colhidos, tem sido motivo importante para o aumento dos preços. Apesar desse aumento, a necessidade de replantio e tratos culturais em decorrência do excesso de chuvas, que aumentou substancialmente os custos, faz os produtores temerem redução de sua margem. Além disso, o câmbio vem favorecendo o mercado externo, e as exportações catarinenses foram significativas nos últimos meses do ano.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações anuais da soja em grão de Santa Catarina (2010 a 2015)

As exportações de soja em Santa Catarina, no ano de 2015, foram cerca de 7% menores que o total exportado em 2014. No entanto, em relação à média histórica de 2010 a 2014, as exportações do grão em 2015 foram aproximadamente 90% superiores. Do volume produzido, 1,63 milhão de toneladas de soja e derivados são destinados ao mercado externo. De 2011 a 2014 as exportações catarinenses do complexo soja cresceram em

média 55% ao ano, o que dá indícios da qualidade do grão produzido no estado e dos preços externos favoráveis em relação ao mercado doméstico. Essa tendência crescente das exportações catarinenses do grão fizeram com que o estado saísse de uma participação de menos de 1% no total nacional para cerca de 5%. O principal destino das exportações catarinenses é a China, que, sozinha, demanda 84,5% do total.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2015/16

Microrregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16 – Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	598.373	1.945.961	3.252	633.245	2.093.227	3.306	5,83	7,57	1,64
Canoinhas	127.300	441.338	3.467	133.320	462.954	3.473	4,73	4,90	0,16
Xanxerê	132.635	396.740	2.991	132.635	396.740	2.991	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	88.301	320.788	3.633	96.405	369.696	3.835	9,18	15,25	5,56
Chapecó	84.610	240.875	2.847	84.640	240.992	2.847	0,04	0,05	0,01
Campos de Lages	53.900	176.500	3.275	60.430	201.440	3.333	12,12	14,13	1,80
Joaçaba	53.671	190.996	3.559	58.265	213.432	3.663	8,56	11,75	2,94
São Miguel do Oeste	37.220	111.682	3.001	44.110	131.773	2.987	18,51	17,99	-0,44
São Bento do Sul	9.800	32.340	3.300	10.400	34.320	3.300	6,12	6,12	0,00
Ituporanga	5.750	18.930	3.292	6.350	21.045	3.314	10,43	11,17	0,67
Rio do Sul	1.871	5.759	3.078	3.375	10.821	3.206	80,38	87,90	4,16
Concórdia	3.315	10.014	3.021	3.315	10.014	3.021	0,00	0,00	0,00

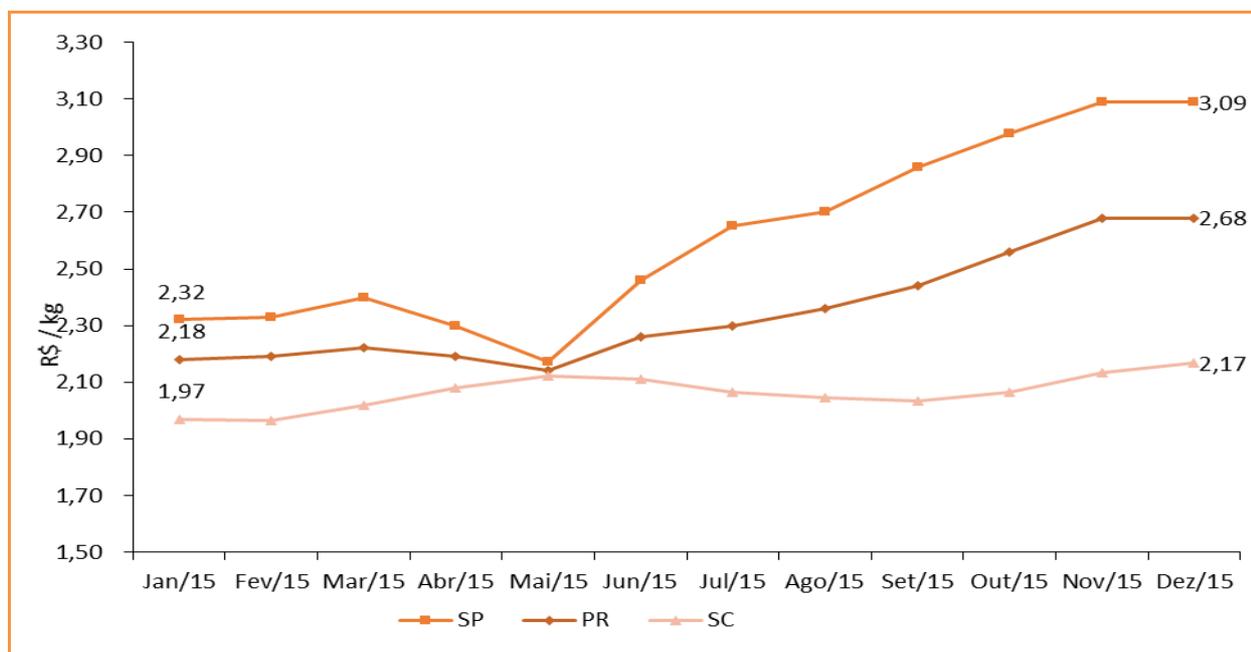
Fonte: Epagri/Cepa.

O plantio da soja na safra 2015/16 encontra-se encerrado no estado de Santa Catarina. O excesso de umidade no solo, ocasionado pelo excesso de chuvas desde setembro, trouxe dificuldades para o andamento do início do plantio. A produção de soja, apesar do atraso no plantio sofrido em algumas regiões, tem se desenvolvido normalmente sem maiores problemas. Os produtores são orientados a ficar atentos a, se necessário, efetuar os devidos controles de pragas e doenças no momento adequado. Por se tratar de uma cultura em que o plantio pode seguir até dezembro, muitas áreas prejudicadas por eventos climáticos adversos, como o excesso de chuvas e granizo, foram replantadas. Há relatos de apodrecimento de sementes plantadas em solos com pouca drenagem, queima das folhas em lavouras atingidas por granizo, entre outros. O excesso de chuvas e a pouca luminosidade dos últimos meses resultaram em redução da produtividade e, conseqüentemente, na produção esperada para a safra 2015/16. No total do estado, essa redução em relação à estimativa inicial é de cerca de 7% na quantidade produzida e 7,25% na produtividade. No entanto, comparativamente à safra anterior, espera-se um aumento de até 8% da área destinada ao plantio da soja em detrimento de áreas destinadas ao milho e ao feijão, por exemplo.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

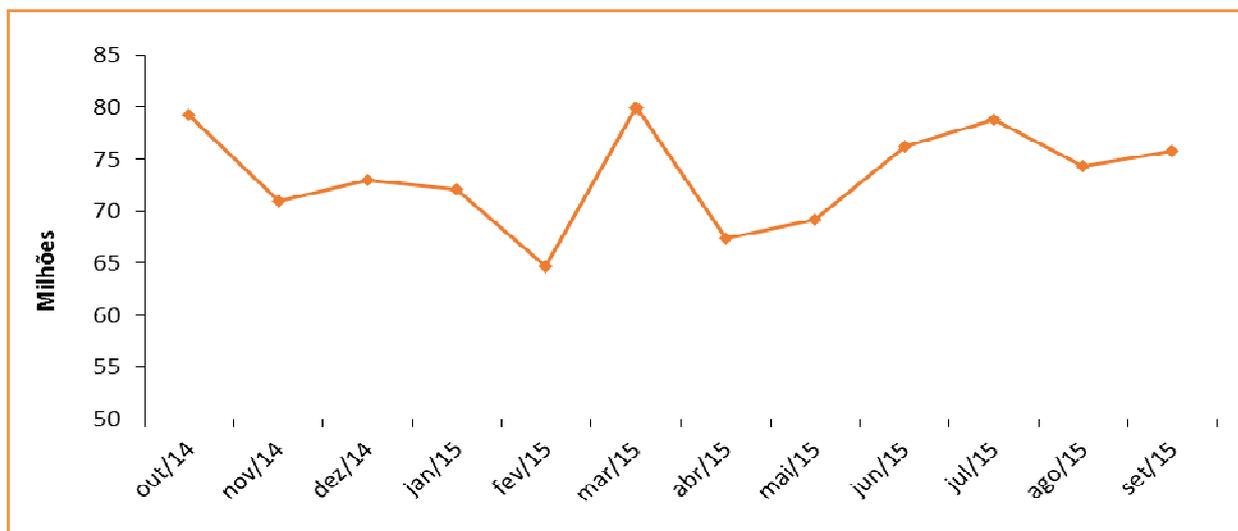


⁽¹⁾Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Deral (PR); IEA (SP).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, Paraná e São Paulo – 2015

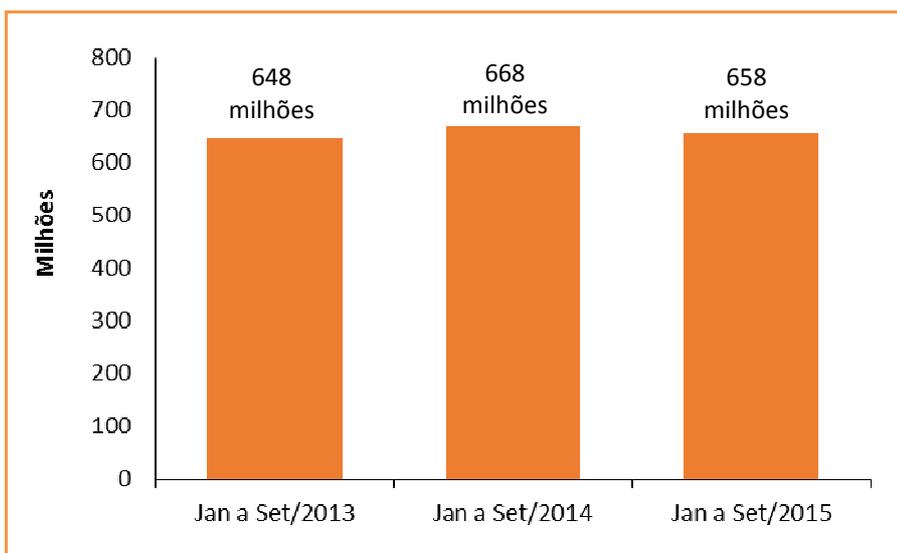
Durante grande parte do ano de 2015, o comportamento do preço do frango vivo apresentou padrões semelhantes nos três principais estados produtores, em especial no caso de São Paulo e Paraná. Santa Catarina destoou dos outros dois estados no período de abril a setembro, apresentando tendências inversas aos mesmos. Contudo, no último trimestre de 2015 o preço do frango em SC reagiu e voltou a crescer, assim como em SP e PR.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: IBGE.

Frangos - Evolução mensal do abate de frangos em Santa Catarina ⁽¹⁾ – Out/2014 a Set/2015



Fonte: IBGE.

Frangos - Comparação entre a quantidade de abates em Santa Catarina nos 9 primeiros meses de 2013, 2014 e 2015

De outubro de 2014 a setembro de 2015 foram abatidos aproximadamente 882 milhões de frangos em Santa Catarina, conforme dados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do IBGE. Ressalta-se que os dados referentes ao 4º trimestre de 2015 ainda não estavam disponíveis por ocasião da elaboração do presente boletim, razão pela qual optou-se por incluir na análise os dados referentes ao último trimestre de 2014, para que se pudesse visualizar a evolução do abate ao longo de 12 meses.

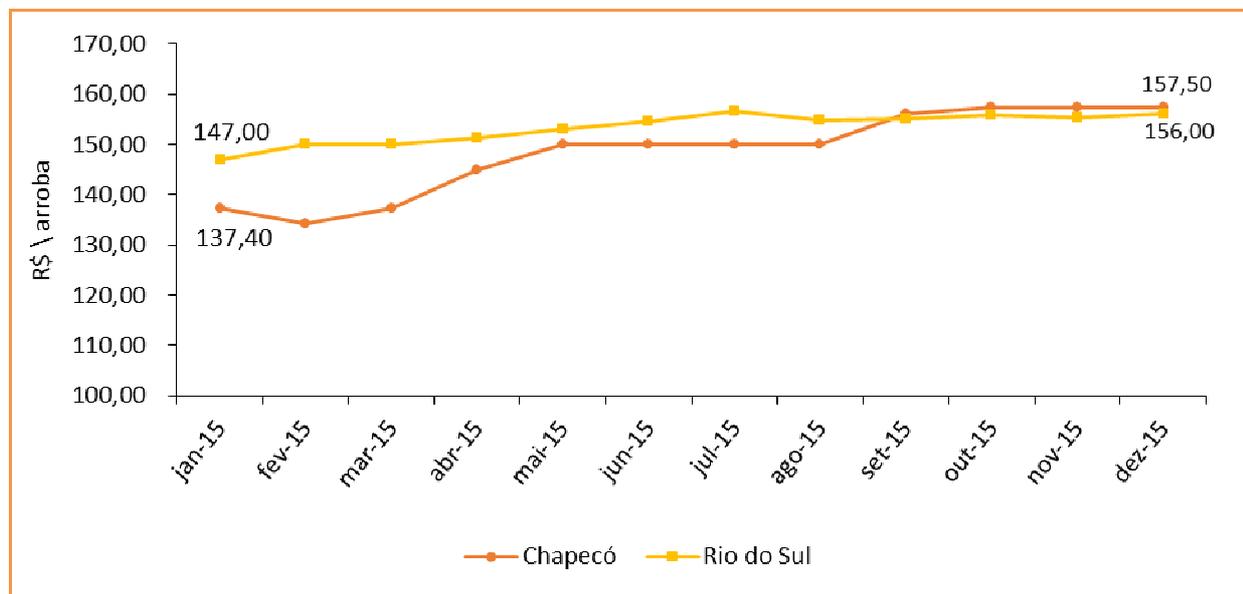
Quando se analisa apenas os dados referentes aos 9 meses iniciais de 2015, verifica-se que a quantidade de aves abatidas no período foi de 658 milhões. Esse montante é levemente inferior ao observado no mesmo período de 2014 (668 milhões) e um pouco superior ao de 2013 (648 milhões), o que demonstra uma estabilidade na quantidade de frangos abatidos nos últimos três anos.

Para o ano de 2016, o cenário externo deve impulsionar o mercado brasileiro de carne de frango, conforme apontam alguns especialistas. A desvalorização do real ante o dólar e a ocorrência de casos de influenza aviária nos Estados Unidos no ano de 2015 tendem a favorecer as exportações brasileiras, em especial para a China.

Além disso, no cenário doméstico, a desaceleração da economia nos últimos dois anos e a elevação da taxa de inflação estimulam os consumidores a buscar fontes mais baratas de proteína animal, dentre as quais se destaca a carne de frango.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epaagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



(¹)Para pagamento em 20 dias.

Fonte: Epaagri/Cepa.

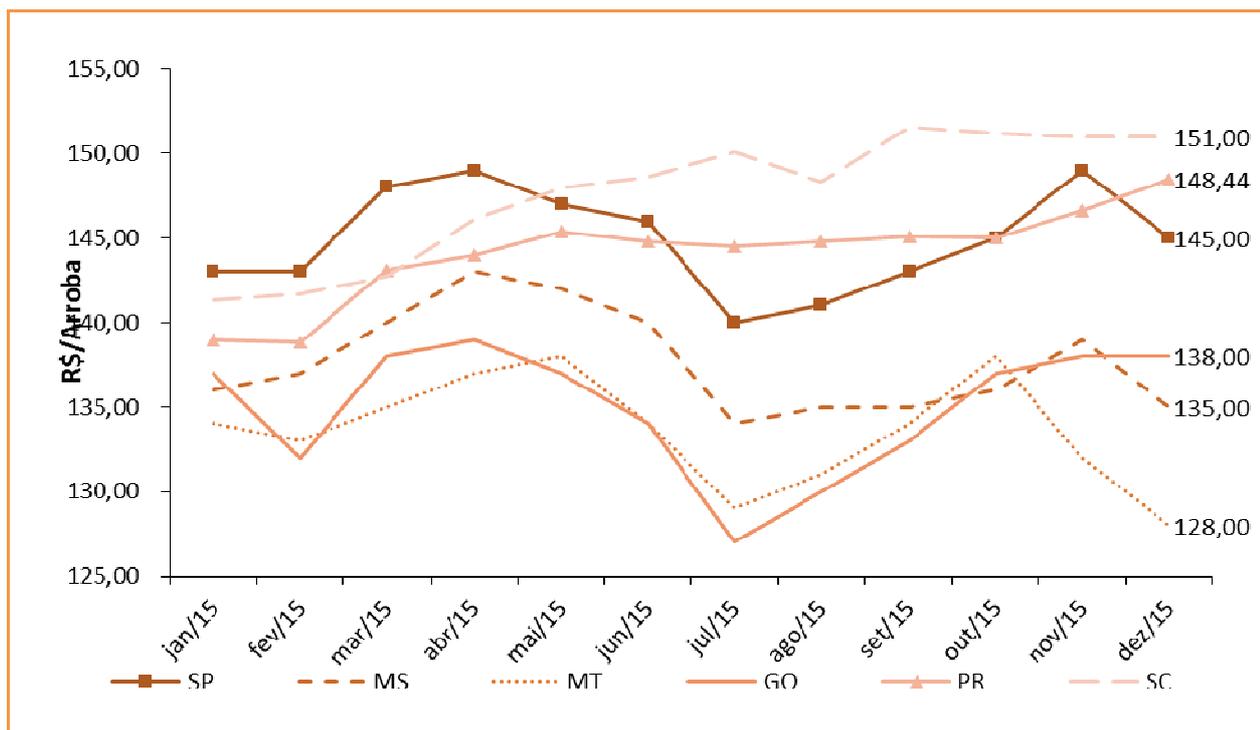
Bovinos - Evolução do preço médio mensal em SC(¹) – 2015.

Ao longo do ano de 2015, observa-se uma elevação nos preços médios pagos pela arroba do boi gordo durante o primeiro semestre nas duas praças analisadas, não obstante a oscilação negativa observada em Chapecó no mês de fevereiro. Ainda no primeiro semestre, ocorreu uma relativa estabilização nos preços, que perdurou até setembro, quando registra-se novamente pequenas elevações, em especial em Chapecó.

Conforme fica demonstrado no gráfico, a elevação foi maior na praça de Chapecó, onde a arroba do boi gordo começou o ano sendo negociada a R\$ 137,40 e finalizou com R\$ 157,50 (uma variação de 14,1%). No caso de Rio do Sul, por sua vez, a variação registrada ao longo do ano foi de 6,1%, passando de R\$ 147,00 para R\$ 156,00/arroba.

Quando se compara a evolução dos preços médios pagos em Santa Catarina pela arroba do boi gordo durante o ano de 2015 com o valor das principais praças do país, percebe-se que a partir do mês de maio as remunerações obtidas pelos produtores no estado foram melhores que as pagas nos demais analisados.

O gráfico de evolução dos preços da arroba do boi gordo em SC, SP, MT, GO e PR, apresentado na sequência, mostra que enquanto na maioria dos estados registraram-se quedas razoáveis no preço pago a partir dos meses de abril e maio, em Santa Catarina o valor continuou registrando elevações nesse período. Somente em agosto registrou-se pequena redução, pouco maior que 1%. Depois disso o preço ficou praticamente estável durante o restante do ano.



Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; Deral⁽³⁾.

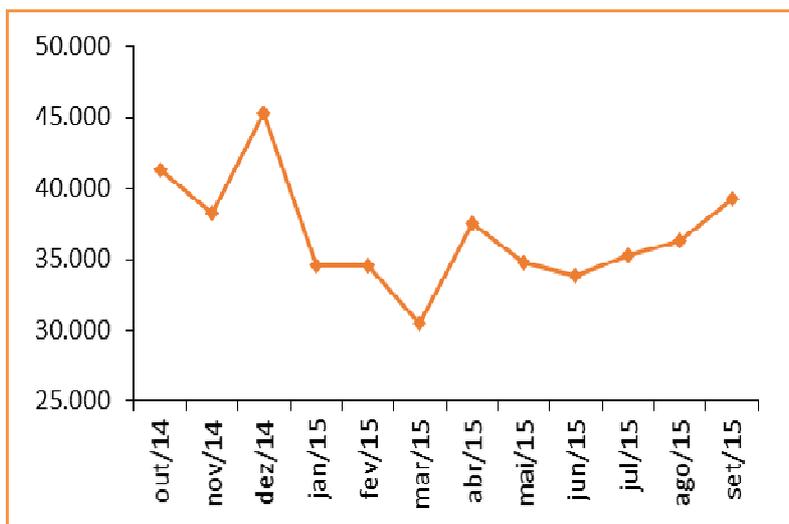
Boi gordo - Evolução dos preços da arroba em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MT⁽²⁾, GO⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2015.

Ao comparar os preços praticados em dezembro de 2014 com os de dezembro de 2015 nos estados analisados, observa-se que Santa Catarina registra a maior variação positiva dentre eles, com um aumento de 9,34% no preço recebido pelo produtor, seguido de perto pelo Paraná, com uma elevação de 7,34%. Por outro lado, o estado de Mato Grosso registra a maior variação negativa, com uma redução de 3,59%.

Boi gordo - Incremento anual do preço da arroba nas praças selecionadas – 2014-15

Estado	R\$/arroba		Variação anual (%)
	dez/2014	dez/2015	
São Paulo ⁽¹⁾	143,18	145,00	1,27
Mato Grosso do Sul ⁽¹⁾	136,24	135,00	-0,91
Mato Grosso ⁽¹⁾	132,76	128,00	-3,59
Goiás ⁽¹⁾	136,82	138,00	0,86
Paraná ⁽²⁾	138,29	148,44	7,34
Santa Catarina ⁽³⁾	138,10	151,00	9,34

Fonte: Cepea⁽¹⁾; Deral⁽²⁾; Epagri/Cepa⁽³⁾.



Fonte: IBGE.

Bovinos - Número de abates por mês em Santa Catarina – Out/2014 a Set/2015

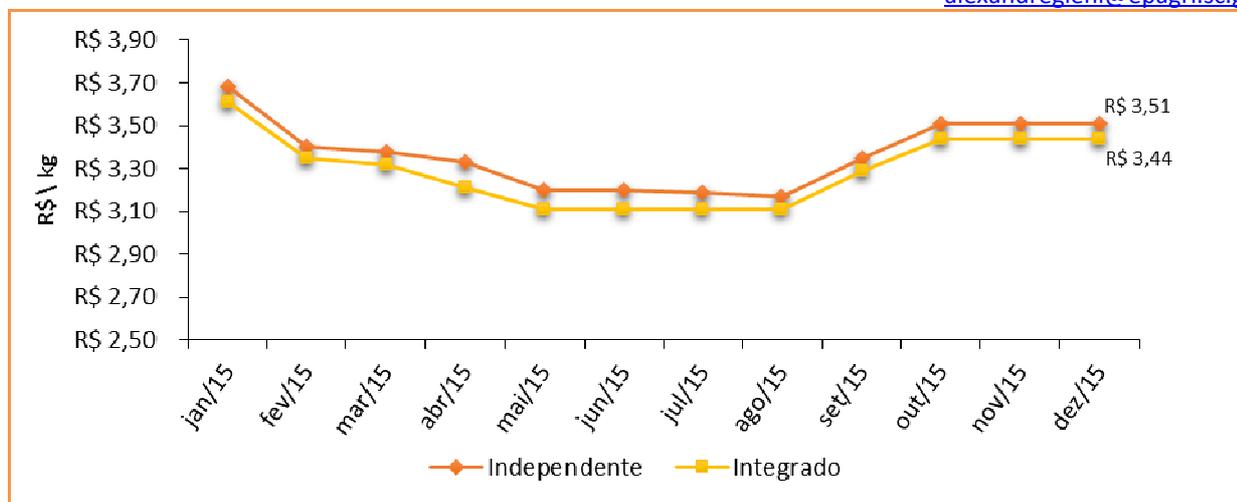
O número de bovinos abatidos em Santa Catarina registrou o maior quantitativo dos 12 meses analisados (set/2014 a out/2015) em dezembro de 2014, quando foram abatidos 45.233 animais. Depois disso, registrou-se reduções contínuas no início de 2015, atingindo-se o menor patamar em março daquele ano, com 30.447 animais abatidos.

Na sequência, observa-se oscilações positivas e negativas, até que se consolidou uma tendência de crescimento a partir de junho, a qual perdurou até setembro.

Ressalta-se que os dados referentes ao 4º trimestre de 2015 ainda não estavam disponíveis por ocasião da elaboração do presente boletim.

Suinocultura

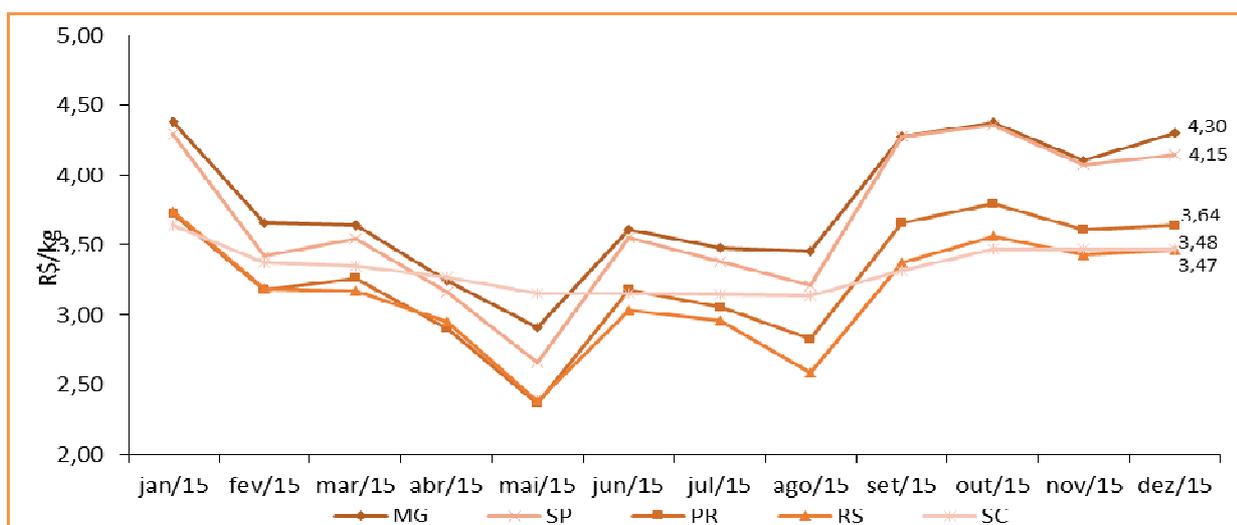
Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal (R\$/kg) para produtor independente e integrado na praça de Chapecó em Santa Catarina – 2015

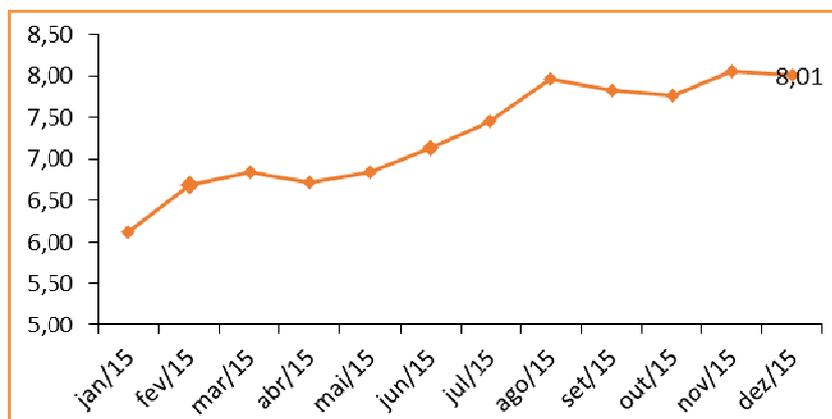
O preço pago ao produtor pelo suíno vivo começou o ano de 2015 em queda, após ter atingido os maiores patamares dos últimos anos em novembro e dezembro de 2014 (R\$ 3,98 e R\$ 3,86/kg para o produtor independente e para o integrado, respectivamente). A tendência de baixa prosseguiu até maio de 2015, quando os preços estabilizaram. Essa estabilidade durou até o mês de agosto, quando se passou a observar uma reação, recuperando parte da queda do início do ano. A partir de outubro observa-se nova estabilização nos preços, cenário que perdurou o restante do ano. Há que se ressaltar que essas oscilações tem sido comuns pelo menos nos últimos cinco anos, com quedas durante o primeiro semestre e posterior elevação no segundo.



Fonte: Cepea (MG, SP, PR e RS); Epagri/Cepa (SC) – média do preço ao produtor independente e integrado.

Suíno vivo - Preço médio mensal (R\$/kg) nos principais estados produtores – 2015

Os preços apresentaram comportamento semelhante nos cinco principais estados produtores de suínos, conforme fica evidenciado no gráfico anterior. Contudo, Santa Catarina apresentou oscilações menores quando comparado aos demais estados.

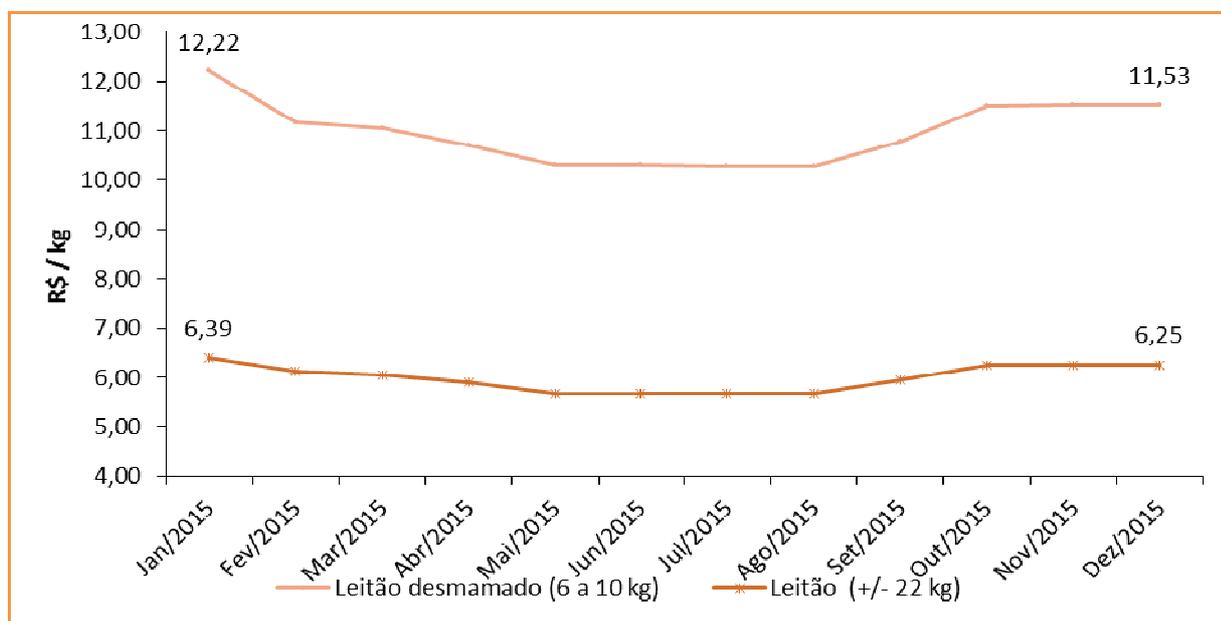


Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços - Quantidade de suíno necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina (kg de suínos/sc de milho)– 2015

Ao longo do ano de 2015, registrou-se um aumento na equivalência insumo/produto para o caso da produção de suínos.

Tal situação foi ocasionada pela variação no preço pago ao produtor (que sofreu uma redução no primeiro semestre, com posterior aumento e estabilização) e, principalmente, pelo preço da saca de milho, que registrou um aumento de 24,7% quando se compara os meses de janeiro e dezembro de 2015, fechando o ano em R\$ 27,83/sc de 60kg na praça de Chapecó.



Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão - Preço médio mensal em SC, por categoria – 2015

O preço dos leitões apresentou comportamento semelhante ao do suíno vivo para abate, com queda no primeiro semestre e elevação e estabilização no segundo. Tal cenário afetou de forma igual ambas as categorias (leitão desmamado de 6 a 10 kg e leitão de +/- 22 kg).

Assim como no caso do frango, a desvalorização do real ante o dólar deve favorecer as exportações de carne suína brasileira durante o ano de 2016. Contribui também neste cenário a manutenção do controle sanitário do país e a possibilidade de crescimento das exportações para alguns grandes consumidores, como é o caso da China, que registrou uma redução de 1% na produção de suínos em 2015 e apresenta perspectiva de estagnação em 2016.

Além disso, no cenário doméstico, a desaceleração da economia nos últimos dois anos e a elevação da taxa de inflação estimulam os consumidores a buscar fontes mais baratas de proteína animal, o que pode contribuir para um aumento do consumo da carne suína.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

No último Boletim Agropecuário de 2015 tratamos de algumas limitações dos números sobre a atividade leiteira brasileira. Destacamos particularmente que, mesmo com métodos diferentes, havia pouco sentido que as duas pesquisas sobre o volume de leite comercializado para as indústrias (Pesquisa Trimestral do Leite, do IBGE, e o Índice de Captação de Leite, do Cepea/Esalq/USP) apresentassem resultados pouco coerentes entre si, como acontecera em 2014 e no 1º semestre de 2015. Destacamos também que no caso do 1º semestre de 2015 o problema era mais significativo, já que a pesquisa do IBGE indicava um pequeno decréscimo, e a do Cepea/Esalq/USP aumento expressivo no volume de leite comercializado para as indústrias brasileiras. Considerando não haver razão para essa diferença, exceto algum tipo de problema com uma das duas pesquisas, sugerimos que um bom indicativo para saber o que de fato vem se passando com a produção leiteira nacional é analisar o comportamento dos preços aos produtores. Mesmo sabendo de antemão que seus níveis não dependem apenas da oferta (produção) mas também da demanda, seria natural esperar decréscimo dos preços recebidos em momentos de decréscimo de demanda, como se considera ser o caso do ano de 2015. Pois bem, recentemente, o IBGE disponibilizou novos números da sua Pesquisa Trimestral do Leite, agora também com os dados do terceiro trimestre de 2015. Segundo esses números, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias brasileiras inspecionadas no período de janeiro a setembro de 2015 foi 2,5% menor que a do mesmo período de 2014 (no 1º semestre de 2015, o decréscimo havia sido de 1,8%).

Leite adquirido pelas indústrias inspecionadas – janeiro a setembro – 2010 a 2015							
UF	(Milhões de litros)						2015/2014
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Var. %
MG	4.141,8	4.144,2	4.072,1	4.426,7	4.878,0	4.737,2	-2,9
RS	2.176,4	2.289,0	2.659,9	2.496,5	2.579,8	2.594,2	0,6
PR	1.723,5	1.759,9	1.910,2	2.063,7	2.176,3	2.104,5	-3,3
SP	1.689,7	1.841,8	1.727,6	1.843,3	1.860,7	1.891,2	1,6
GO	1.685,3	1.652,0	1.704,6	1.730,8	1.951,4	1.800,9	-7,7
SC	1.139,7	1.286,5	1.550,6	1.545,0	1.680,3	1.733,8	3,2
RO	572,0	535,6	548,1	567,7	545,7	506,2	-7,2
MG	367,2	393,9	434,0	423,2	452,3	400,2	-11,5
RJ	221,9	247,4	285,6	364,0	381,6	386,8	1,4
BA	278,8	310,0	247,8	242,5	278,7	258,0	-7,4
Subtotal	13.996,2	14.460,1	15.140,4	15.703,5	16.785,0	16.413,0	-2,2
Outras UFs	1.374,7	1.424,0	1.395,6	1.305,9	1.428,7	1.350,0	-5,5
Brasil	15.370,9	15.884,1	16.536,0	17.009,4	18.213,7	17.763,1	-2,5

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Leite.

Num certo sentido, as últimas reuniões de 2015 do Conseleite de Santa Catarina já indicavam um quadro de redução de oferta interna. Depois de decréscimos nos meses de agosto e setembro, os preços de referência aos produtores não só aumentaram em outubro e novembro como alcançaram seu nível máximo do ano no valor projetado para dezembro.

Leite padrão – Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina – 2012-15

Mês	R\$/litro ⁽¹⁾			
	2012	2013	2014	2015
Janeiro	0,6512	0,7284	0,7389	0,7744
Fevereiro	0,6525	0,7219	0,7655	0,7866
Março	0,6559	0,7501	0,8379	0,8614
Abril	0,6701	0,7989	0,8764	0,8843
Mai	0,6617	0,8301	0,9040	0,8875
Junho	0,6573	0,8759	0,9123	0,9347
Julho	0,6626	0,9058	0,9093	0,9278
Agosto	0,6622	0,9254	0,9097	0,9131
Setembro	0,6677	0,9322	0,8978	0,8978
Outubro	0,6959	0,8921	0,8308	0,9024
Novembro	0,7078	0,8234	0,7958	0,9308
Dezembro	0,7195	0,7709	0,7877	0,9371 ⁽²⁾
Média	0,6720	0,8296	0,8472	0,8865

Notas: ⁽¹⁾Preço na propriedade com INSS incluso. ⁽²⁾Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Considerando que no caso do Conseleite esse aumento é decorrente do aumento de preços de venda de alguns derivados lácteos no mercado atacadista, que isso dificilmente ocorreria num quadro de dificuldades de vendas pelas indústrias e que não existem razões para projetar aumento de demanda ao final do ano, de meados de dezembro para cá parece ter ficado ainda mais evidente que em 2015 houve decréscimo (como mostra a pesquisa do IBGE) e não aumento no volume de leite comercializado para as indústrias (como mostra a pesquisa do Cepea/Esalq/USP). Assim, vai-se reforçando a possibilidade de, pela primeira vez ao longo de muitos anos, a produção de leite brasileira ter decrescido de um ano para o outro. No caso de Santa Catarina, os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que, no mínimo, a produção de 2015 não repetirá as significativas taxas de crescimento de anos anteriores. Como boa parte desse eventual decréscimo da produção nacional é explicado por adversidades climáticas em várias importantes regiões produtoras brasileiras, a expectativa é de que, a menos que se repitam essas adversidades, a produção leiteira volte a crescer em 2016. Isso fica particularmente facilitado pelo fato de o ano iniciar com preços aos produtores em patamares bem melhores que os do final de 2014 e início de 2015.

Leite – Preço nominais médios aos produtores de SC – 2012-15

Mês	R\$/L posto na indústria				2015/2014
	2012	2013	2014	2015	Var. %
Janeiro	0,76	0,78	0,91	0,81	-11,0
Fevereiro	0,78	0,81	0,90	0,79	-12,2
Março	0,77	0,81	0,90	0,80	-11,1
Abril	0,77	0,83	0,95	0,85	-10,5
Mai	0,77	0,86	0,98	0,91	-7,1
Junho	0,75	0,89	1,00	0,94	-6,0
Julho	0,74	0,93	0,99	0,96	-3,0
Agosto	0,75	0,96	0,99	0,98	-1,0
Setembro	0,76	0,99	0,97	0,98	1,0
Outubro	0,76	1,00	0,95	0,96	1,1
Novembro	0,77	1,00	0,89	0,94	5,6
Dezembro	0,78	0,97	0,85	0,93	9,4
Média	0,76	0,90	0,94	0,90	-3,8

Fonte: Epagri/Cepa.